

ANÁLISE DOCUMENTÁRIA DE IMAGENS

THE DOCUMENTARY ANALYSIS OF IMAGES

Miriam Paula Manini¹

Introdução

Pretendemos desenvolver, nesta comunicação, questões atinentes à transposição de métodos e técnicas da análise documentária que se opera com textos escritos para a análise documentária de imagens.

Em nossa tese de doutorado (em andamento), queremos propor uma metodologia de análise documentária de imagens que se enquadre nas definições e conceitos já tradicionalmente reconhecidos, mas que foram elaborados tendo em vista, exclusivamente, o texto escrito de natureza técnico-científico.

A Análise Documentária de Fotografias objetiva a identificação do conteúdo informacional da imagem fotográfica. O que ela significa ou expressa não é oferecido só pela imagem e compreende um outro processo de identificação. O referente será analisado e pesquisado; sobre ele serão tiradas conclusões e a imagem poderá ser melhor analisada. A operação da análise documentária de documentos fotográficos também deve ser pensada em termos da representação escrita e da posterior recuperação da informação imagética por parte do usuário.

Será necessário saber separar duas coisas: o que a imagem mostra pode ser muito diferente do que o profissional da informação vê. O referente pode dizer muito pouco ao profissional da informação; o seu repertório pode não incluir dados sobre o referente e a pesquisa se torna ainda mais necessária. Todas as dificuldades em analisar um documento fotográfico podem culminar num completo equívoco quanto à identificação, tratamento e análise de uma imagem.

Quaisquer que sejam as fontes destas informações sobre a imagem, o profissional da informação está construindo um outro significado, ele está efetuando uma transposição de estruturas, e isto deve ocorrer de forma bastante objetiva, principalmente porque o usuário precisará desta objetividade no momento em que ativar a recuperação da informação.

Na verdade, o que deve aparecer na análise documentária de imagens são informações objetivas contidas na fotografia: dados concretos sobre o referente. Tais dados podem ser ratificados através de outros documentos, escritos ou iconográficos, mas a primeira informação deve partir exclusivamente da imagem que se analisa.

Encontramos em Andión (1993) uma idéia muito particular a respeito do profissional da informação: trata-se de um profissional atrelado a arbitrariedades, que explica as coisas através de índices, de restos, de símbolos, etc., e ela fala, exatamente, do documentalismo na fotografia e indica, entre outros, os seguintes traços do documentalismo fotográfico contemporâneo: o fotógrafo parte de um discurso, a representação aparece como realidade, há uma preocupação analítica e uma preocupação com a História.

¹ Doutoranda em Ciência da Informação no CBD/ECA/USP

Ou seja: o fotógrafo utiliza-se da linguagem fotográfica para expressar seu discurso (ideológico, político, estético, etc.) – e esta parte relacionada à produção e às técnicas da imagem fotográfica não interessam à análise documentária. A representação daquele discurso aparece como realidade: o referente da imagem “foi”, “existiu”. A preocupação analítica, esta sim, cabe ao profissional da informação, mas a preocupação com a História não fica a seu cargo. O objetivo do profissional da informação deve ser analisar exclusivamente a imagem e seu referente.

Na representação da imagem há um referente genérico e outro específico, sendo que o reconhecimento deste último não é automático, uma vez que supõe conhecimentos prévios, também específicos. Por exemplo, se vamos resumir ou indexar uma fotografia, o retrato de uma mulher, o referente genérico é exatamente este: trata-se de uma mulher; outra coisa é saber de quem se trata, seu nome, época e local em que viveu ou em que foi fotografada.

Este seria o conhecimento sobre o referente específico e este saber só nos é dado de duas formas: ou através de nosso repertório ou através de uma legenda (ou outra fonte escrita). Este conhecimento não é dado pela imagem, mas é suscitado por ela.

Layne (1994) propõe a discussão dos aspectos intelectuais envolvidos na indexação de imagens e afirma que este processo serve para melhorar o acesso às mesmas baseado em atributos das próprias imagens (sejam elas únicas ou agrupadas). Ela categoriza os atributos das imagens em biográficos, de assunto, de exemplos e de relações e acha necessário considerar os seguintes aspectos no agrupamento de imagens: Quando ele deve ocorrer? Em que é baseado? Que nível de detalhamento é necessário? Quais agrupamentos serão úteis?

Em sua defesa da importância e, basicamente, da diferença que a imagem representa, Layne chama a atenção para o seguinte fato: se há autores que utilizam o texto e a imagem conjuntamente para expor suas idéias, deve ser verdade que a imagem diz alguma coisa que o texto não consegue dizer sozinho. Daí se deduz que a imagem tem diferentes significados e informações comparativamente aos textos.

Muitos autores concordam que a fotografia é muito mais eloqüente que a palavra. Contudo, uma imagem não contextualizada (através da palavra...) de nada ou pouco vale dentro de um acervo, pois é preciso conhecer-lhe a origem, o histórico, e é fundamental relacioná-la com outros documentos, principalmente se se tratar de um arquivo, onde a organicidade e a idéia do conjunto documental são importantíssimas. O reconhecimento do contexto amplia as condições do modo de difusão das imagens.

Talvez uma pista para melhor compreender esta questão esteja no fato do índice fotográfico mostrar objetivamente DE que é a fotografia (seu referente) e não o seu significado, que acreditamos estar mais relacionado com a expressão fotográfica, algo passível de análises subjetivas, as quais a análise documentária de imagens deve evitar. Pode ser que desvendar a expressão fotográfica seja mais a função do pesquisador; seria algo como perguntar o PORQUÊ da existência da imagem.

Visualidade e Escrita

Na relação imagem/texto há duas situações importantes a se considerar. A primeira delas é o fato do documento fotográfico juntar-se a uma outra linguagem (no caso da legenda, por exemplo, que é um texto escrito) e isto ser uma utilização da informação textual baseada, mas nem sempre, em uma informação imagética. Em segundo lugar, a aplicação da linguagem da análise documentária a um documento fotográfico gera uma informação textual.

Sendo o principal objetivo da Análise Documentária a garantia de equivalência de sentido do texto principal e a sua representação, temos por meta verificar se esta garantia e se esta equivalência podem ser mantidas e asseguradas no caso do “texto principal” ou texto-fonte ser uma fotografia.

Para tanto, vamos nos ater aos aspectos do processo da análise documentária de fotografias, para o qual pretendemos propor uma metodologia baseada nas concepções semióticas de Charles Sanders Peirce e que se coadune ao que conhecemos até o momento. O que vai nos interessar é a elaboração de representações documentárias (especificamente a indexação) de imagens fotográficas.

A base de nossas preocupações será, então, o levantamento de termos para indexação, pois é neste processo que o profissional da informação realiza a tarefa mais importante em termos de análise de conteúdo: é a hora de reunir as palavras que farão com que o usuário se interesse ou não pelo documento. É desta operação que resulta a representação do documento de forma concisa e ordenada com vistas a uma recuperação da informação eficiente e satisfatória.

Para o documento escrito, as etapas da análise documentária são a leitura inicial de sua estrutura, o levantamento das principais informações, o reconhecimento estrutural do texto, a localização das informações essenciais e a seleção das mesmas (dando origem, neste momento, ao resumo ou à indexação), a elaboração final de resumos e índices.

A análise documentária de fotografias também começa com a leitura do documento fotográfico com fins documentários. Nesta leitura já está embutido um certo conhecimento prévio do profissional da informação sobre o conteúdo da imagem ou sobre o conjunto maior de que faz parte (se pertencer a um acervo arquivístico). O exercício da pesquisa (que, além de fornecer dados mais precisos sobre a imagem, irá também enriquecer e renovar repertórios) é igualmente importante, além do conhecimento sobre o usuário e sobre a política da instituição.

A elaboração de um resumo da fotografia tende a perder sua necessidade com a proliferação dos bancos de imagens, que trazem a própria fotografia, dispensando a descrição textual da mesma.

Contudo, a operação-irmã da elaboração de resumo – a indexação – parte, por vezes, da própria imagem, mas, outras vezes, parte do resumo que se faz da mesma. Isto está sendo verificado em pesquisa de campo realizada junto a instituições brasileiras (ainda não temos dados referentes às instituições de outros países a este respeito). O que preside esta decisão ainda é uma incógnita, mas pensamos que a análise indicial da fotografia poderá auxiliar de maneira definitiva, de modo a deixar o resumo de lado.

O levantamento de palavras para a representação documentária pode acontecer a partir de uma série de operações que vão desde responder às perguntas **quem, onde (ambiente), quando, onde (espaço), o que e como** (feitas à imagem fotográfica), passando por uma análise baseada nas idéias de Panofsky (1976) (especialmente sobre os níveis pré-iconográfico e iconográfico) até chegar à possibilidade (para o caso de fotografias de arquivo) de colher informações no conjunto maior em que as mesmas estão inseridas (informação proveniente, provavelmente, de textos escritos, mas que não são o resumo e que foram elaborados fora da instituição).

Elaboramos as seguintes perguntas para fazer à imagem, baseadas em Peirce e no signo indicial, somando com as propostas de Shatford e Panofsky (1976):

Quem ou o que aparece na imagem (descrição ou nome das pessoas e/ou lugares);

Que lugar aparece na imagem (localização espacial e geográfica);

Quando foi realizada a tomada (indicação de data, tempo cronológico ou ocasião);

Como são ou estão os principais elementos da imagem (complementação da descrição inicial feita do motivo principal da imagem);

O que indica esta imagem (de que ela é o traço, a marca, o sinal).

As respostas a estas perguntas devem ser dadas com base em informações concretas provenientes da imagem ou de seu referente.

A Título de Conclusão, O Referente

Se aproximarmos a questão da indicialidade na leitura para fins documentários da questão da importância e função do referente na análise documentária de imagens é possível chegar a algumas conclusões.

Dubois já afirmou (1986, 1999) que a fotografia é uma prova de existência, mas não uma prova de sentido.

A especificidade indicial da fotografia traz conseqüências consideráveis às análises consagradas à imagem fotográfica. Uma delas – a que mais nos interessa – está ligada às relações entre o visível, o real, a realidade e a verdade.

A fotografia que é um índice – e toda fotografia é um traço de que “aquilo foi” – tem no referente seu maior e mais importante dado de existência e de definição. Aquilo que foi fotografado é o referente e a existência deste referente é que dá o caráter indicial à fotografia.

Na análise documentária de imagens podemos perguntar o que a imagem indica sobre o referente. Se a função da análise documentária é realizar procedimentos de leitura e representação de documentos com vistas à recuperação de suas informações, para o caso das fotografias tais informações são concernentes ao referente, e esta é uma das diferenças primordiais entre a análise documentária de textos escritos e a análise documentária de imagens.

A fotografia é o primeiro tipo de imagem cujo referente é sempre real. Além disso, o referente de outras formas de representação é diferente, ainda que remeta a algo real. Assim, a pintura de um quadro onde apareça um vaso com flores não significa necessariamente que aquele vaso tenha sido copiado de uma existência real; ele pode ser exclusivamente fruto da imaginação, da criatividade e do repertório do artista. Para os documentos fotográficos importa muito esta realidade – ou este realismo – do referente, pois tais documentos registram e testemunham, representam e significam, e podem também ilustrar e exemplificar situações.

A leitura que se faz da imagem é também uma leitura sobre o referente: aquele seu aspecto, aquele seu ponto de vista. A história da imagem pode ser diferente da história do referente: ao pesquisador certamente interessa mais a parte do referente; a um fotógrafo talvez interesse mais os detalhes da imagem.

A força do referente numa fotografia é grande e incontestável: só falta mesmo dizer que a fotografia é o referente, ou vice-versa. A função do referente na fotografia é dar assunto, motivo e razão de ser à imagem. No caso dos documentos fotográficos, diríamos que a função do referente é ser documentado, ser registrado e significar, indicar alguma coisa. A função do referente é ser um índice peirceano.

Referências Bibliográficas

- ANDIÓN, Margarita Ledo. Documentalismo contemporâneo: da inocência à lucidez. **Revista de Comunicação e Linguagens**, Lisboa, n. 17/18, p. 125-130, 1993.
- DUBOIS, Philippe. **El acto fotográfico: de la representación a la recepción**. Barcelona: Paidós, 1986. (Paidós Comunicación, 20).
- DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. 3. ed. Campinas: Papirus, 1999. (Série Ofício de Arte e Forma).
- ECO, Umberto. **Tratado geral de semiótica**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- LAYNE, Sara Shatford. Some issues in the indexing of images. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 45, n. 8, p. 583-588, 1994.
- MANINI, Miriam P. Análise documentária de imagens: visualidade e escrita no tratamento e na recuperação da informação. Campinas, 1997. In: SIMPÓSIO DE TÉCNICOS DE APOIO AO ENSINO E À PESQUISA, 1, Campinas, 1997.
- MANINI, Miriam P. Análise documentária de imagens: documentos fotográficos e indicialidade. **Cadernos da Pós-Graduação**, Instituto de Artes/ UNICAMP, Campinas, ano 2, v. 2, n. 2, p. 98-102, 1998.
- MANINI, Miriam Paula. Análise documentária de fotografias: proposta de uma nova metodologia. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 4, 2000, Brasília. **Anais**, Brasília, 2000. (HMCARD)
- PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 1976. (Coleção Debates, 99).
- PEIRCE, Charles S. **Collected papers of Charles Sanders Peirce**. Massachusetts: Belknap Press of Harvard University Press, 1965.
- PEIRCE, Charles S. **Semiótica**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- SHATFORD, Sara. Describing a picture: a thousand words are seldom cost effective. **Cataloging and Classification Quarterly**, New York, v. 4, n. 4, p. 13-29, 1984.
- SHATFORD, Sara. Analyzing the subject of a picture: a theoretical approach. **Cataloging and Classification Quarterly**, New York, v. 6, n. 3, p. 39-62, 1986.
- SMIT, Johanna W. **Análise documentária: a análise da síntese**. 2. ed. Brasília: IBICT, 1989. p. 101-113.
- SMIT, Johanna W. A representação da imagem. **Informare**, Rio de Janeiro, v. 2, n.2, p. 28-36, jul./dez. 1996.